

Repensar o Homem *

*M. Patrão Neves ***

O tema da evolução do homem e das mentalidades é extraordinariamente rico, quer pela sua história, tão longa quanto a existência do próprio homem, quer pela pluralidade de perspectivas de reflexão a que convida, tão diversificadas quanto o são as produções humanas. Adoptaremos aqui a perspectiva filosófica, a qual não elimina nunca a dimensão de subjectividade em qualquer domínio da reflexão e mantém um projecto de universalidade no seu plano específico de uma sabedoria sapiencial¹.

* Texto apresentado no «I Congresso sobre a Evolução do Homem e das Mentalidades», organizado pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias — ULHT, e que se realizou em Lisboa, de 15 a 18 de Dezembro.

** Professora Auxiliar de Filosofia, Universidade dos Açores.

Partiremos da descoberta do homem por si mesmo, para percorrermos muito rapidamente os momentos mais marcantes da evolução e do desenvolvimento da sua consciência de si e destacarmos as estruturas fundamentais por que o homem se foi definindo no decorrer dos tempos. Situar-nos-emos, depois, na época actual e nas suas novas exigências de repensar o homem, à luz dos mais recentes desenvolvimentos biotecnológicos que, sob diversas formas, ameaçam a sobrevivência do próprio homem.

A autenticidade do homem, na universalidade da sua humanidade como na singularidade do seu concreto, surge lentamente de uma mentalidade mítica caracterizada por um sincretismo dominante. É à medida que o homem se vai libertando desse sincretismo mítico originário, que ele adquire progressivamente consciência da natureza de que emergiu e de si mesmo como ser distinto. O homem reconhece-se, pois, primeiramente, como um ser natural, ou seja, que vive e faz parte da natureza circundante, entendendo por «natureza» a realidade física universal.

É, pois, com a natureza que o homem primeiramente se relaciona e é nesta relação que ele primeiramente se define. Dos sentimentos duplos e algo contraditórios — de intimidade e estranheza, de admiração e temor — que a consciência do mundo inicialmente despertou, o homem foi ganhando uma tranquilidade, decorrente da harmonia que descobre entre si e o mundo: ele é parte integrante da ordenação do cosmos, sujeito à lei universal, única e idêntica para toda a realidade. Depois, e sempre no curso do desenvolvimento da racionalidade, o homem vem a assumir-se como micro-cosmos no seio do macro-cosmos, como capaz de aceder à inteligibilidade que tudo governa e de orientar o seu agir, de modo consciente e voluntário, pelo *logos* universal². Na esteira da mesma linha de desenvolvimento, o homem torna-se cada vez mais o ser que, ocupando uma posição superior, destacada, é capaz de contemplar o mundo. O seu relacionamento com o mundo estabelece-se então em termos de conhecimento, num distanciamento obrigatório, garante de objectividade. E o homem perde a consciência do seu elo vital com a natureza, a qual se lhe parece agora oferecer para o seu domínio.

Esta concepção do homem como o único ser capaz de contemplar o mundo, que vinha já sendo formada pelos contínuos progressos da razão, é entretanto consolidada pelo advento do cristianismo e a sua concepção do homem como criatura, como a mais perfeita das criaturas, feita à imagem

e semelhança de Deus. O relacionamento privilegiado do homem com a natureza é agora substituído pelo seu relacionamento com Deus, com o transcendente. Na verdade, assim como a consciência do mundo que se deu na consciência de si, na distinção entre o homem e a natureza, também, simultaneamente, se deu a consciência do transcendente, no distanciamento entre a realidade efectiva do homem e aquilo que ele não é mas alcança pela dimensão intelectual ou espiritual do seu ser.

A consciência do mundo, de si e de um transcendente são indissociáveis³ o que, sem necessariamente pôr em causa a relação originária do homem com a natureza, obrigou a repensá-la e simultaneamente a repensar o homem. O ser natural que o homem é, ganhou o sentido transcendente da sua existência e reconhece-se agora como pessoa.

Esta afirmação de si como pessoa, ser singular e comunitário, reforça um processo, anteriormente iniciado, de aprofundamento da consciência que o homem tem de si próprio. Será na exortação imortalizada por Sócrates do «conhece-te a ti mesmo» que o homem primeiramente desperta para a importância de uma reflexão directa sobre si. Afinal, o homem, constituindo desde sempre a realidade que lhe é mais próxima, mais íntima e familiar, tem persistido como o que se lhe depara de mais distante, estranho e desconhecido.

No recolhimento da sua interioridade, o homem alcança o sentimento da sua unidade concreta. Ele vai-se apercebendo da fragilidade e vulnerabilidade do seu ser, das suas limitações e fraquezas, mas também do exercício autónomo da sua razão e da autonomia do seu querer, da sua capacidade infinita de se superar e ir sempre mais além. Este processo de inquirição de si é infinito, prosseguindo hoje como ontem, em virtude da extrema complexidade do ser do homem e da sua capacidade de permanente renovação de si. Além disso, o discurso acerca do homem, tomado na universalidade da sua humanidade e na singularidade da sua individualidade, nunca poderá ser rigorosamente objectivo, sob o risco de deixar perder a dimensão essencial do homem, não objectivável por natureza, ou de tentar objectivar o próprio homem e assim perdê-lo totalmente⁴.

É no percurso de descoberta de si mesmo que o homem procura identificar as estruturas essenciais do seu ser, aquelas que o distinguem radicalmente dos outros seres e em que se fundamenta a sua excelência. A que primeiramente apontou, a que ainda hoje é, na sua universalidade, a mais especificamente humana, é a da racionalidade. Com efeito, é pelo exercício

de uma razão nascente que a cisão se vai estabelecendo no plano indiferenciado de uma natureza orgânica, por distinção com o qual o homem se afirma enquanto tal.

Aristóteles define o homem como ser racional, o que, ao longo da história e de vicissitudes várias, se tem mantido como sua identidade. O homem é razão, enquanto espírito analítico e crítico que se desenvolve através do conhecimento. Simultaneamente, outros aspectos têm sido sublinhados como específicos ao homem, como sejam o sentimento, o amor, a criatividade, etc. Porém, estes não possuem um carácter de objectividade e a sua universalidade não chega a ser afirmada.

Explicitamente na época contemporânea⁵, mas já desde há séculos formulado, encontramos o exercício da vontade como uma das estruturas essenciais do ser humano. O homem é um ser livre ou um ser para a liberdade. O homem é liberdade, enquanto indeterminação do seu ser através do seu agir.

Não há, porém, qualquer alternância entre a razão e a liberdade. Bem pelo contrário podem-se promover reciprocamente. Além disso, a razão define o homem sob o ponto de vista do conhecimento, de um pensamento especulativo. A liberdade define-o sob o ponto de vista da acção, de um pensamento prático. Conjuntamente, os dois princípios foram determinando o homem no seu modo de ser, dele traçando a imagem de um ser poderoso, nos limites restritos da sua razão, e dominador, nas suas limitadas possibilidades de realização. Ambos convergem no apontar da excelência do homem como radicando na capacidade de se ultrapassar constantemente, no acto de poder sempre mais.

A imagem, ou imagens, que o homem vai traçando de si mesmo, como processo mediato de acesso a si próprio, não são apenas sínteses da compreensão que o homem alcança da sua realidade num determinado período do seu desenvolvimento. Elas apresentam igualmente os contornos, ou parâmetros, no âmbito dos quais ele se desenvolve e indicam também a orientação por que ele envereda na sua mais plena realização de si. Por isso, a imagem que o homem constrói de si define-o no presente e condiciona-o no futuro. O pensar-se do homem não se cinge a uma forma de conhecimento e a um modo de agir; é também um projectar-se num determinado sentido que, num processo dialéctico, trará novas realidades a integrar na que está feita, modificando-a por sua vez. Nesta perspectiva, repensar o

homem é mais do que apresentar a sua realidade; é traçar o sentido da sua evolução, é dar-lhe um destino.

Hoje, mais do que nunca — diríamos —, é preciso repensar o homem. E é preciso repensá-lo porque as duas grandes categorias através das quais ele se tem vindo a perspectivar conduziram-no a situações extremamente difíceis que, a limite, ameaçam a sua sobrevivência, quer como ser pessoal, quer como ser natural. Não nos referiremos a todas elas (não disporíamos aqui de tempo suficiente, nem este seria o espaço ideal para o fazer). Determinamos apenas na que decorre do avassalador progresso científico-tecnológico das últimas décadas, especificamente dos mais recentes desenvolvimentos biotecnológicos, que foram alcançados por um homem em constante desafio com o seu próprio poder e o qual suprimiu todos os limites que não fossem os do seu saber e do seu querer.

Remontemos, então, a 1953 e à revolução biológica que Crick e Watson desencadearam com a sua descoberta do ADN. Daí por diante, de uma forma cada vez mais extensa e interveniente, tornou-se possível ao homem penetrar no mistério da constituição da vida, até ao nível da vida biológica do homem. O código genético é universal e, no essencial, idêntico em todo o reino vivo. Ao natural desejo de conhecer do homem, num plano da ciência fundamental, depressa se associou o reconhecimento das potencialidades para a acção que esse conhecimento oferecia. No domínio específico da engenharia genética⁶, aquele que de uma forma mais intensa e radical intervém ao nível da constituição biológica dos seres, e por isso também do homem, as conquistas foram-se sucedendo: depois do sucesso das primeiras experiências de recombinação do ADN e da transferência de genes de um dado organismo para outro, tornou-se possível a criação de plantas e depois de animais geneticamente alteradas em algumas das suas características, de forma a melhor corresponderem aos desígnios humanos.

Hoje está já bastante difundida a produção de plantas modificadas para fins agrícolas ou industriais (no âmbito da indústria farmacêutica). Também ao nível animal, a que a engenharia genética se começou a aplicar mais tardiamente⁷ e no qual, obviamente, se tem deparado com maiores dificuldades, registam-se igualmente alguns sucessos. Investe-se agora na produção de animais domésticos modificados de forma a corresponderem às necessidades ou interesses de quem os procura e, muito particularmente, na produção de animais transgénicos em vista de uma subsequente transplantação de órgãos.

As actuais técnicas que permitem inserir um gene novo no genoma de um animal superior não estão ainda perfeitamente controladas e não nos permitem falar de conquistas confirmadas. São, todavia, bastante promotoras e permitem-nos antever a sua aplicação ao homem dentro de poucas décadas.

O projecto do genoma humano, ou seja a elaboração de um mapa e a determinação da sequência química de três biliões de pares base de nucleótidos que o genoma humano contém, progride em ritmo acelerado, prevendo-se a identificação de muitos genes. Muitos dos modos particulares de expressão humana poderão passar a encontrar a sua justificação nos genes e não mais nas circunstâncias de desenvolvimento de um ser e no seu esforço empreendedor. Um determinismo genético ameaça vir a tomar o lugar da liberdade humana.

Os resultados que este projecto vai apresentando têm também uma aplicação prática imediata e muito relevante. Trata-se, principalmente, da terapia génica que, a partir da identificação e da localização dos genes responsáveis por algumas doenças poderá vir a introduzir um gene normal no ADN celular do tecido respectivo. Genes responsáveis por algumas doenças, como fibrose quística, foram já identificados; não obstante, a intervenção génica faz-se ainda apenas a nível experimental. Neste domínio, é importante fazer uma distinção entre uma intervenção a nível das células somáticas ou a nível das células germinais: no âmbito das primeiras, em que a terapia génica já se aplica, será possível curar o paciente em que a doença se manifesta, mas não evitar que ele a venha a transmitir à sua descendência; no âmbito das segundas, em que ainda não se prevê a possibilidade de intervenção a curto ou a médio prazo, evitar-se-ia igualmente a transmissão da doença por via hereditária. Porém, quando se tornar possível uma intervenção na linha germinal, não serão apenas os objectivos terapêuticos a receber um impulso inédito. Novas vias se abrirão à acção do homem sobre a sua própria realidade constitutiva, como sejam: no plano físico, a selecção do sexo ou de traços fisionómicos diversos; e, no plano psicológico, o acentuar de determinadas características tais como a inteligência ou a memória⁸.

É na prossecução desta linha de desenvolvimento que corremos o risco de nos modificarmos a nós próprios, ao nível da nossa constituição biológica, que suporta todas as demais realizações humanas, até perdermos a nossa própria identidade. Perdendo-a para nós e também para as gerações vindouras.

É num período como este da evolução humana que se torna urgente o repensar do homem. A racionalidade e a liberdade não parecem, por si só, suficientes para orientar o homem no sentido de uma plena realização de si. As vias por que estes princípios o têm conduzido ameaçam hoje a sua existência sob várias vertentes, entre as quais a da alteração do genoma humano. Há, pois, que descobrir uma nova ordem no estabelecimento de relações humanas, uma diferente estrutura essencial para a expressão plena do seu ser.

Esta via a percorrer pelo homem no desvelamento e na concretização do seu destino, sem negar a racionalidade e a liberdade suas constitutivas, só poderá ser a da responsabilidade e da solidariedade⁹: responsabilidade, na tomada de consciência das implicações da acção humana; solidariedade, no descentramento de si e na atenção aos outros. Estes dois novos princípios, no seu conjunto, invertem o sentido do poder para o sentido do dever¹⁰. O homem procurará agora realizar-se pelo dever, e não mais pelo poder. Dever que nunca se estabelece numa relação de si a si mesmo, nem se esgota na relação do homem com a natureza ou com Deus, mas que implica sempre a consideração de uma comunidade. Deverá, pois, ser no relacionamento privilegiado com a comunidade, pautado pelo sentido da responsabilidade e da solidariedade, que o homem deve representar a sua imagem, como ser natural e moral, e traçar o seu destino na mais plena realização de si.

NOTAS

¹ No sentido em que combina um saber especulativo com uma inteligência prática.

² Perspectiva de influência pitagórica que se desenvolve plenamente com os estóicos.

³ Afirmção que se encontra em Max Scheler (*Die Stellung des Menschen im Kosmos*) e em Maurice Blondel (*La Pensée*) e que, para além das especificidades próprias de cada filósofo, aponta para uma perspectiva antropológica alargada.

⁴ O homem é sempre, essencialmente, sujeito.

⁵ Sobretudo com Kant nas suas obras: *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten* e *Kritik der praktischen Vernunft*.

⁶ Cf. ARCHER, Luís, *Desafios da Nova Genética*. Lisboa, Ed. Brotéria, 1992, 136 pp.

⁷ A engenharia genética apenas se começou a aplicar a animais na década de 80, quando as primeiras experiências com plantas se haviam iniciado na década de 70.

⁸ Alterações que, em termos gerais, têm sido referidas como de «melhoramento da espécie».

⁹ Estas vias têm vindo a ser exploradas por vários filósofos contemporâneos como, por exemplo, Lévinas e Apel.

¹⁰ Cf. HOTTOIS, Gilbert, *Le Paradigme Bioéthique. Une éthique pour la technoscience*. Trad. portuguesa, de Paula Reis, Lisboa, Ed. Salamandra, 1990, 164 pp.

ÍNDICE

- 519 *Walter Osswald*
Experiência nazi da eutanásia:
memória e lição
- 543 *Alexandre de Sousa Pinto*
A evolução da clínica geral do João Semana
aos nossos dias
- 565 *Isabel Carmelo Rosa Renaud*
Corpo, ética e feminidade
- 587 *Maria da Conceição Pires Coelbo*
Da arquitectura moderna e de vanguarda de
alguns notáveis museus da costa atlântica
dos Estados Unidos e dos seus arquitectos

NOTAS E COMENTÁRIOS

- 601 *João Bigotte Chorão*
A dor das coisas que passam
- 603 *M. Patrão Neves*
Repensar o Homem
- 610 *João Confraria*
Convergência e custos de uma União Monetária
na Europa
- 617 *Josep M. Benítez SJ*
A História da Igreja de Giacomo Martina
- 623 *Bibliografia*
- 631 *Índices do volume 142*
- 639 *Obras recebidas na redacção*